

Voz (e memória) de Zeca é mais livre no país vizinho!

ESPAÑA NÃO ESPEROU QUE O POETA MORRESSE PARA O COROAR...

Vários artistas espanhóis participaram espontaneamente, segunda-feira à noite, num espectáculo em Madrid, em memória de José Afonso, realizado na sala onde há semanas o cantor português vinha sendo homenageado — desta vez cheia a transbordar.

Um milhar de pessoas acorreu à sala para ouvir 12 artistas espanhóis, entre eles Luis Pastor, Joaquín Sabina, Benedicto, Pablo Guerrero, Natalia Meilan e Álvaro Peirez cantarem músicas de Zeca Afonso.

Este espectáculo integrou-se na série de homenagens ao cantor e compositor português que todas as segundas-feiras, desde o princípio de Janeiro, se realizam em Madrid, por iniciativa de uma comissão espanhola, à frente da qual está o cantor espanhol Luis Pastor.

Quatro membros da comissão deslocaram-se ontem a Setúbal para participarem no funeral de José Afonso, aproveitando a ocasião para entregar à família mais cem mil pesetas (o equivalente a 110 mil escudos) resultantes das receitas dos espectáculos.

A série de homenagens, que têm servido de pretexto a encontros de músicos e público interessados na obra de José Afonso, prosseguirá até ao dia 25 de Abril, data em que se realiza um recital de encerramento lembrando a projectoria e obra do artista.

A notícia da morte de José Afonso foi muito divulgada em todos os meios de comunicação espanhóis, desde a Televisão aos jornais e à Rádio, que ao longo do dia emitiu várias vezes a canção «Grândola, vila morena».

A TVE-Galicia emitiu nos últimos dois dias extensos

programas sobre a vida e a obra de Zeca, com reportagens e entrevistas ao poeta em vida. Periodicamente a Televisão galega deslocava-se a Setúbal, gravando entrevistas que têm estado a retrasmittir.

No dia da morte de José Afonso a «Telecrónica» encenou mesmo a primeira edição sobrepondo ao indicativo a canção «Meusos nois». Escasos minutos depois, o Teleclásico, emitido de Madrid, abriu com «Grândola, vila morena», cantada no Coliseu de Lisboa.

• Espectáculo em Santiago

Milhares de pessoas cantaram nas ruas de Madrid canções de José Afonso, revelou o cantor galego Benedicto, que se deslocou a Setúbal para participar no funeral do poeta.

Benedicto, que estivera à noite em Madrid a actuar no habitual espectáculo de homenagens a Zeca Afonso, que se realiza todas as segundas-feiras no Teatro Lope, disse que a festa de segunda-feira fora «impressionante, com a sala esgotada e milhares de pessoas a cantarem na rua».

O cantor galego revelou que está a preparar para Malo, na Galiza, o espectáculo do 15.º aniversário da apresentação pública de «Grândola, vila morena» em Santiago de Compostela.

De Madrid vieram a Setúbal os cantores Pi de La Sierra, Luis Pastor, Paco Almazan e Pablo Guerrero, entre outros.

Otelo: uma voz de dentro da prisão

«COMO UM IRMÃO MUITO QUERIDO»

«Stato a morte do Zeca como a morte de um irmão muito querido». Foi assim que Otelo Saraiva de Carvalho se referiu ao falecimento de Zeca Afonso, em declarações publicadas pelo «Diário Popular» e que foram obtidas por contacto telefónico com o Forte de Coxias.

Otelo, que se encontra detido em Coxias há cerca de três anos, lamentou não poder participar no funeral do cantor, mas disse que iria ser representado pelo filho e pelos filhos.

O militar do 25 de Abril

recordou, a propósito, a última visita que recebeu de Zeca Afonso na prisão — já há bastante tempo — e que foi a última vez que o pôde ver juntamente com a sua mulher.

«Nessa altura, garanti-me que o fim estava próximo», lembrou Otelo, para sublinhar que a sua morte era esperada.

«Tive oportunidade, então, de lhe manifestar a minha mais profunda admiração pelo seu incomparável talento e pelas extraordinárias qualidades humanas que o exornavam», disse

Otelo Saraiva de Carvalho ao «Diário Popular», para prosseguir:

«Sabendo que era a última vez que teria a oportunidade de estar com ele e com Zélia, fruí o sentimento incomparável de uma fraterna amizade, tive, também, a ocasião de lhe afirmar ter sido o meu contacto com ele e a amizade muito grande que entre nós passou a existir após o 25 de Abril uma das mais gratificantes compensações que aquela data libertadora me trouxe e não é a minha família».

Do contributo de Zeca

Afonso para a música portuguesa, Otelo destacou que «difícil será encontrar alguém que tão alto tenha simbolizado, com o seu talento ímpar, com a sua irreverência, com a sua busca incessante de originalidade, com o sarcasmo e ironia, a luta contra um regime contrante como foi o da ditadura fascista».

E para terminar, o melhor elogio:

«Ele simbolizou, ao mais alto grau, antes e depois do 25 de Abril, o verdadeiro espírito da liberdade que deve fluminar os homens».

O PRIMEIRO DE JANEIRO

Ano 119 • N.º 55 • Diário • 40\$00 —
Directora: Agustina Bessa-Luis
Subdirectores: A. Marques Pinto e Carlos Alberto Lourenço
Quarta-feira • 25 de Fevereiro de 1987

★

Milhares no adeus sentido a José Afonso

Milhares de pessoas incorporaram-se ontem, em Setúbal, no funeral do cantor José Afonso. A urna, contendo os restos mortais do intérprete de «Grândola, Vila Morena», foi transportada aos ombros de amigos, com destaque para José Mário Branco, Luís Cília e Júlio Pereira.

O cortejo fúnebre, passando por um compacto corredor de pessoas que entoavam «Grândola» e ostentavam cravos vermelhos, demorou mais de três horas a percorrer a pequena distância que medeia entre a escola e o cemitério.

Ler na página 5

Discos

Viriato Teles

**José Afonso:
as palavras
urgentes**

Mas do que nunca, torna-se agora necessário ouvir-lo, voltar a reflectir sobre todas as coisas que preenchem o nosso quotidiano. Falo, evidentemente, de José Afonso, que a morte conseguiu silenciar, após quatro anos de luta desigual, na madrugada da última segunda-feira.

Falo-vos, como não poderia deixar de ser, do homem genérico que Zeca foi (e não receio o desgaste que este adjectivo possa ter sofrido durante tantos anos de hipocrisia institucionalizada, porque, com ele, a generosidade adquirida, de facto, a sua verdadeira dimensão) e falo também do músico e do poeta exemplares que nele se conjugavam.

Na verdade, Zeca foi sempre mais do que um construtor de belas canções — suficientes para o transformar numa referência de primeiro plano da cultura portuguesa —, foi um alquimista de palavras, singelas e sinceras como mais nenhuma. Poeta, repito-o, poeta em todos os sentidos, que só os espíritos definitivamente esclarecidos hesitam em colocar ao lado de (outras) grandes nomes da lírica portuguesa deste século, desde Fernando Pessoa a Jorge de Sena.

Ninguém soube, como José Afonso, conciliar a erudição com a inspiração popular, a dialéctica brechtiana com a fantasia pura e simples, o surreal com a consciência plena daquilo que nos envolve e condiciona, o lirismo mais profundo com a intervenção política imediata. Por isso, as suas canções se tornaram já uma parte do património literário — isso mesmo: literário — da língua portuguesa. Porque Zeca (este Zeca que é nosso, como tão carinhosamente costumava dizer o Fernando Assis Pacheco) foi, de entre todos os poetas lusos, talvez aquele que mais directamente soube utilizar todos os recursos da linguagem, quer escrita, quer oral, quer musical: a sua concepção poética, intimamente ligada às estruturas melódicas que imaginava no acto da criação, ultrapassa, assim, todas as barreiras, entra-nos nos espíritos, revolve-nos as entranhas.

A poesia, tal como José Afonso a entendeu, serve para isto mesmo. Hoje, como no tempo do fascismo (que existiu mesmo, queriram ou não os novos mandantes), salvaguardadas embora as devidas distâncias entre as duas épocas. Por isso se torna tão urgente ouvir-la, cantada naquela voz tão pura e tão querida, que nenhuma morte consegue calar. Desculpem se vos falo ainda



um pouco ao sabor da emoção. Mas quem nasceu e se formou a ouvir as suas canções tem, provavelmente, esse direito. Zeca é uma parte de mim, de nós, de vós todos, acreditem ou não. Sabe-o quem com ele conviveu, quem o ouviu com idêntica atenção nos momentos bons e nos outros, em que só a música era uma ameaça para «os mordomos do universo todo».

Por tudo isto vos sugiro apenas que não se esqueçam de o ouvir. Muitas e muitas vezes, sempre. Afinal, como dizia outro amigo de Zeca, o igualmente saudoso Mário Sacramento, «também a saudade é uma força, se projecta no futuro uma esperança». As palavras de Zeca, mesmo as mais desencantadas, são os símbolos reais dessa esperança. Ouçam-no. É urgente.

o jornal

Ano XII n.º 627
De 27 de Fevereiro a 5 de Março de 1987
Preço: 100\$00

Semanaário

Director
José Silva Pinto

Directores adjuntos
Manuel Boga Mércia
Pedro Rafael dos Santos



**José Afonso:
também
ele morreu
com 'salários
em atraso'**

págs. 16/17

MILHARES DE PORTUGUESES DESPEDIEM-SE DE ZECA AFONSO

Milhares de portugueses acorreram ontem, durante quase três horas, ao mesmo momento de Zeca Afonso ao Carmo da Horta, Senhora da Piedade, com a Banda Filarmónica de Gândia a tocar. Fieltemp-larnera, «Gândia Via Mourne» e uma marcha intitulada «Contra».

Gente conhecida do nosso meio político e artístico prestou uma última homenagem ao homem que, independentemente da sua coligação política, muito ofereceu à melancolia popular portuguesa.

O Presidente da República, que se encontra em viagem pelas doze concelhos do distrito de Bragança, fez-se representar nas cerimónias litorais de Zeca Afonso pelo presidente da Câmara de Seixal. O Partido não foi representado por uma delegação dirigida pelo seu vice-presidente, Carlos Lago.

A cidade do Sado foi em peso para a rua e tornou um cenário impressionante fazendo a pé o caminho entre o gralado da Escola Secundária de São João, o rio e o campo do cantor e proleptor estivo depositado em câmaras ardidas, até à sua última morada.

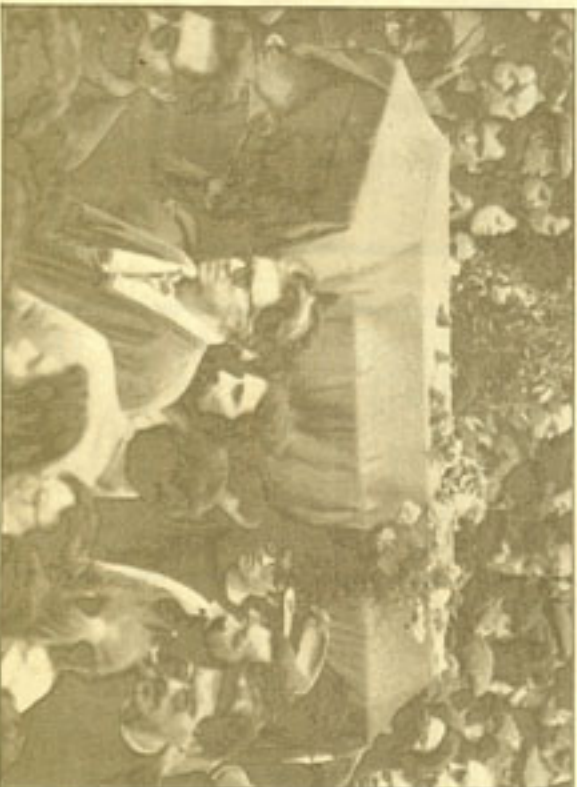
O movimento espontâneo havia já começado antes das quatro horas da tarde quando as acorreram àquela escola secundária, para manifestação de reconhecimento ao homem e

ao artista que viveu e morreu em Seixal.

Mas essa manifestação de reconhecimento, aconteceu um pouco por todo o País, como o atesta a chegada de várias Camaras Municipais em dar o nome de Zeca Afonso a várias ruas. Foram entre outras a Esplanada de Lisboa e de Coimbra. Também diversos partidos políticos, nomeadamente os com assento parlamentar, manifestaram o seu pesar, assim como várias colectividades, sociedades culturais e organizações de massas, como o Conselho do Consumidor Social, Organizações sindicais e académicas expressaram igualmente o seu pesar.

Na cidade do Alentejo, por exemplo, cerca de três centenas de estudantes universitários percorreram as ruas de Coimbra, a partir das zero horas da noite, empunhando ardores e entoando cânticos de Zeca Afonso.

O dialeto, que se prolongou pela madrugada e continuou no Largo da Sé Velha, local tradicionalmente ligado à cidade de Coimbra e onde o cantor nasceu, foi engrossado ao longo das ruas principais da cidade. Foi ali que Zeca Afonso se licenciou e despediu para a música. Conhecidos mais-horas antes do seu bato, pelo conselho das repúblicas de Coimbra e distri-



Uma urna coberta com cetim vermelho. (Trecho Luis)

das estradas dos microfones da Rádio Universidade, a marcha logo se pôde ouvir desde logo a saída de muitas dezenas de estudantes. No Porto as «Repúblicas» decretaram luto. Talvez mais apedrejado fora de

Portugal, do que dentro do seu País, o cantor agora desappareu à sala «Eligeme», que ficou cheia a transbordar, para ouvir duas cantoras espanholas, entre as quais Lusa Pastor, Joaquin Sabina, Berceño, Pablo Guerrero,

Natalia Malin e Ayrso Pastor cantaram músicas de Zeca Afonso.

O espectáculo integrou-se na série de homenagens ao cantor e compositor português, que teve as seguintes datas e locais: o primeiro de Janeiro se realizou em Madrid, por iniciativa de uma comissão espanhola, à frente da qual está o cantor espanhol Luis Pastor.

Quatro membros da comissão organizadora de Seixal para participarem no funeral de Zeca Afonso, aproveitando a ocasião para entregar à família do cantor mais cem mil pesetas (o equivalente a 110 contos), resultados das receitas dos espectáculos.

As homenagens, que têm servido de pretexto a encontros de músicos e publicos interessados na obra de José Afonso, prosseguiram até ao dia 25 de Abril, data em que se realizou o recital de encerramento, lembrando a trajetória e obra do artista português.

Um dos membros da comissão organizadora, o cantor gallego Berceño, revelou estar a preparar para Maio, na Galiza, o espectáculo do décimo-quinze aniversário da apresentação pública de «Gândia Via Mourne», em Santiago de Compostela.

De Espanha estiveram ainda presentes os cantores Pi de La Serra, Luis Pastor e Paco Amal-